

---

RUBENS, Pedro: *Discerner la foi dans des contextes religieux ambigus. Enjeux d'une théologie du croire*. Paris: du Cerf, 2004. 538 pp., 21,5 X 13,5 cm. Coleção *Cogitatio Fidei*, 235. ISBN 2-204-07207-9.

---

É auspicioso lançar a tese doutoral numa coleção do prestígio da *Cogitatio Fidei*. O leitor aproxima-se com respeito da obra pelo lugar da publicação, pelo grau de seriedade da investigação, pela abundância da tratção. A pretensão da tese é grandiosa. Apresenta o fenômeno e uma análise crítica de três figuras principais do contexto religioso do Brasil - comunidades eclesiais de base, renovação carismática e movimento pentecostal e neopentecostal - para aí discernir a fé a partir de um instrumental teológico lento, profunda e originalmente elaborado, sobretudo apoiado em Paul Tillich. Para realizar tal programa, o livro trabalha com excelente nível de informação do mais recente da teologia fundamental européia, desvendando-lhe os pressupostos e jogos internos dentro de orgânica sistematização. Engendra verdadeira nova teologia fundamental para a América Latina com intenções de alcance universal.

A teologia latino-americana, na sua primeira originalidade, foi gestada no contexto da irrupção do pobre e na experiência de Deus agindo nesse submundo humano. Cl. Boff, de modo paradigmático, tematizou a estrutura epistemológica da teologia da libertação a partir da categoria de mediação. E naqueles idos de 70, a mediação sócio-analítica estava ainda presa ao esquema sócio-estrutural dialético com predominância econômica. Com o deslocamento dessa temática para a atual situação de porosa ambigüidade cultural religiosa,

necessitava-se de um repensamento radical da proposta teológico-fundamental da teologia da libertação. Se então tudo parecia transparente de tal maneira que a opção pelos pobres encontrava carne em projetos de Sociedade e de Igreja, hoje vive-se confusa mescla ideológica. Uma criteriolgia simples, clara e cartesiana já não corresponde ao magma pastoso da atual situação. Fazia-se mister um novo empreendimento teórico e prático, que Pedro Rubens levou a cabo com extraordinária competência com esta obra. É, sem dúvida, uma obra-marco da vida teológica latino-americana com irradiações para além do continente da esperança cristã.

A primeira parte, intitulada "ambigüidades do crer", principia com um estudo sucinto, básico e claro sobre as comunidades eclesiais de base, que se autodenominaram "uma nova maneira de ser Igreja". Traça-lhes rapidamente a gênese e evolução, cujos primeiros sinais de vida são da década de 60. Medellín marca o momento da irrupção do pobre na sociedade e na Igreja. L. Boff refere-se a um período de "eclesiogênese", termo que encabeça um dos subtítulos do livro. Em seguida, assinala mais dois passos das CEBs, expressos na opção pelos pobres - os pobres a constituem e elas se dirigem aos pobres - e na preocupação com as religiões e culturas em tempo mais recente. Depois do corte diacrônico, o A. conceitualiza as CEBs, atendendo a aspectos formais que são diferentemente anali-

sados. E o aspecto material fundamental é a condição de base. Elas configuram uma nova face da Igreja e permitem uma vivência da fé articulada com a vida.

Um outro capítulo se debruça sobre a nova religiosidade católica da renovação carismática (RCC). Com a mesma clareza e consistência concisa, o texto desenrola-nos diante dos olhos a gênese e o crescimento da RCC, chamando atenção para a sua impregnante presença midiática com toda a sua ambigüidade. Analisa-a sob a perspectiva da relação carisma e instituição e sob a qualidade da fé aí praticada, tanto na sua forma de vitalidade quanto de silêncio em relação ao social, de paralelismo pastoral e de imediateidade do Transcendente.

Avançando na descrição do quadro religioso, um substancioso capítulo pondera a “nova crença”. Distingue três ondas pentecostais. O pentecostalismo clássico, representado especialmente pela Congregação Cristã e pela Assembléia de Deus, que ainda persiste, vê surgir uma segunda onda no fluxo mundial nas décadas de 50 sob as formas da Igreja do Evangelho Quadrangular, O Brasil para Cristo e Deus é Amor. Uma terceira vaga vem na esteira do televangelismo que assume, na análise de R. Mariano, o nome de neopentecostalismo, em profunda mudança de uma visão espiritualista para uma materialista, em que a Igreja Universal do Reino de Deus é prototípica. Seguindo o mesmo esquema teórico, depois da breve apresentação histórica, detém-se o A. na estrutura do pentecostalismo, percebendo-lhe a continuidade especialmente do “batismo no Espírito” e a dispersão espacial, temporal com a clássica tensão entre carisma e instituição, com sua face de mobilização dos pobres num processo ambíguo de submetimento dos mesmos, mas também de restituição de uma dignidade perdida ou nunca tida.

É admirável a capacidade sintética e densa do texto, oferecendo ao leitor em poucas páginas uma compreensão bastante penetrante dos três fenômenos analisados. Encontra-se aí o que existe disperso e diluído em abundante bibliografia.

O capítulo quarto, que fecha esta primeira parte, transporta o leitor para uma reflexão propriamente teológica sobre os fundamentos da fé. Ela já esteve presente, embora de forma sutil, nas análises do fenômeno religioso. O A. elabora um meta-discurso que pretende de preferência suscitar uma questão a apresentar uma síntese na ordem da resposta. Não se precipita sobre um juízo teológico ou dogmático a modo de tantos escritos apologéticos. Antes deve-se ir à “coisa mesma” do crer para só em seguida desvendar as ambigüidades de uma “fé ou crença variegada”.

O A. percebe o problema epistemológico do risco da justaposição ou do salto de uma criteriologia teológica, previamente elaborada, para o fenômeno analisado. Empreende duas formas de leitura. Uma mais rápida, que parte de elementos tirados do teólogo protestante e filósofo da história e da cultura E. Troeltsch, a fim de perceber a perspectiva sócio-histórica a jusante e outra de natureza antes teológica a montante na imagem do autor. Ele lê as três figuras religiosas a partir de três conceitos do teólogo e filósofo alemão: igreja, seita e mística, vendo como cada uma delas realiza mais ou menos essa dimensão, apesar das dessemelhanças entre as figuras brasileiras do crer e a trilogia troeltschiana. O livro precisa com exatidão as coerências e incompatibilidades teóricas das categorias usadas, evitando leituras simplistas e vai além das analogias sociológicas, adentrando no discernimento do crer cristão como verdadeira pesquisa interdisciplinar.

Este capítulo lança ponte para a 2ª parte. Outro monumento substancioso da obra. Pedro Rubens escolheu, com excelente intuição, a Paul Tillich, outro teólogo evangélico, para elaborar detalhado instrumental teórico a fim de discernir a fé contextualizada. Não se trata de um estudo especializado sobre ele, mas de colher dele os elementos fundamentais que permitem uma leitura teológica da fé em determinado contexto. Este é um dos pontos ricos de Tillich que Pedro Rubens recupera de maneira magistral. Por isso frequen-

ta duas de suas vertentes principais: a dinâmica da fé e a pneumatologia.

O livro situado no interior da teologia fundamental responde a uma dupla exigência de partir da experiência do fiel e de fundar o discurso sobre a revelação divina com os riscos das interpretações teológicas. Nessa segunda parte, mergulha-se no dado da fé. Acompanhamos a elaboração do pensamento teológico de Paul Tillich a fim de pensar com ele os fenômenos estudados. Aqui está o começo do ponto original do trabalho. Tillich permite uma superação da religião para o horizonte da fé. E é precisamente isso que Pedro Rubens quer fazer com sua tese. Superar o fenômeno religioso que envolve as CEBs, a RCC e o Pentecostalismo e discernir a fé aí, como o título do livro propõe.

Tal trabalho exigiu um hercúleo esforço e cuidado hermenêutico para ler uma realidade tão distante – América Latina – e um tempo diferente – explosão do religioso – com um autor que vem do mundo saxônico alemão e norte-americano e que é considerado um dos mentores da teologia da secularização. Basta lembrar o bispo anglicano Robinson que lançou na década de 60 o *best-seller Honest to God*, grito publicitário da secularização, e se fundou especialmente em Tillich. Como alguém que se situa na barricada secularizante fornece elementos para uma leitura teológica num campo empapado de formas religiosas? Aí estão a relevância e o valor do texto de Pedro Rubens, ao sobrepor-se soberanamente a esses arrecifes teóricos. Ele reconhece em Tillich alguém que pensou a religião nos seus limites e trabalhou bem a categoria da ambigüidade que atravessa as experiências analisadas. A sua teologia da fé e pneumatologia são pertinentes e entre si articuladas a ponto de facilitar perceber como a dinâmica do crer se realiza numa relação com o Espírito.

Na primeira fase, a teologia da libertação defrontou-se com a ambigüidade da religião popular, mas sob outro ponto de vista. Até onde ela era alienante ou fonte de libertação? Pensadores influenciados pelo

secularismo marxista viam nela, na esteira do *slogan* marxiano, um ópio, enquanto outros percebiam uma fonte inesgotável de energia libertadora. Pedro Rubens analisará essa ambigüidade sob a perspectiva do crer e da ação do Espírito, refletindo o novo contexto cultural presente.

Para avançar nesse caminho, ele teve de fazer uma cuidadosa reflexão hermenêutica, estabelecendo o estatuto do crer. Empreende a passagem de uma hermenêutica geral (interpretação sócio-histórica) das experiências de fé para uma hermenêutica especial propriamente teológica.

A segunda parte, que dedica a estruturação do pensamento de Tillich na perspectiva indicada, mostra-nos esse “teólogo das fronteiras”, ensinando a não opor fé e religião, concebendo-as numa relação dialética. Nisso Paul Tillich se afastou de uma teologia dialética, de que Barth foi expressão máxima, na sua radical oposição entre fé e religião. O cristianismo é uma religião da contínua superação da religião. M. Gauchet fará célebre a expressão do Cristianismo como “a religião da saída da religião”. R. Rémond prefere outra formulação, que responde melhor às intuições de Pedro Rubens, “o Cristianismo será a religião do futuro da religião”. Tillich mostra como a ambigüidade não pertence unicamente ao fenômeno religioso, mas à experiência humana, onde se insere a fé. Não se trata de eliminar tal experiência, mas de entrar em processo tão difícil quanto necessário de discernimento.

Somente no concreto da vida real acontece o crer como superação da ambigüidade, realizando o humano. Corre-se o risco de teologias de solução que Tillich precisamente evita. A teologia responde aos problemas, reinterpretando os símbolos da fé e o Deus Espírito que, ao dar a vida, ilumina em profundidade a ambigüidade humana básica.

É esta teologia que Pedro Rubens expôs sob cinco grandes eixos. Num primeiro momento em torno da interpretação do Cristianismo, o núcleo da reflexão concentrou-se na relação fé e religião. Em segui-

da, enveredou-se por outra relação fundamental no pensamento de Tillich: filosofia e teologia, vasculhando-lhe as implicações epistemológicas. Adentrando na compreensão de teologia, destaca-se a dimensão apologética da obra de Tillich e que vem ao encontro do propósito do trabalho. Indo ainda mais para dentro da criteriologia da fé, necessária para interpretar o fenômeno religioso brasileiro, Pedro Rubens expõe o cerne teológico de Tillich no referente à dinâmica da fé e à presença do Espírito. É um autor que se preocupou com a relação sempre conflitante entre a mensagem cristã e as situações culturais.

Está pronto o instrumental para discernir as armadilhas da situação religiosa brasileira. É o ponto auge da tese. Constitui a terceira parte. Não se trata de estabelecer um julgamento teológico externo às experiências que a elas se impusesse com critérios objetivos anteriormente estatuídos, mas de mergulhar-se com a clara consciência da unicidade absoluta de Deus revelado em Jesus nas experiências religiosas plurais, onde a revelação se encarna. Daí o necessário enraizamento bíblico. Num primeiro momento desta parte, ao dar lugar central à leitura da Escritura, enfrenta-se o problema da hermenêutica. Trata-se de pensar, do ponto de vista teológico, o estatuto próprio hermenêutico do crer no seio de uma teologia encarnada no contexto anteriormente descrito. Processo estritamente de discernimento. Joga-se com a dupla face da objetividade escriturística e da experiência do Espírito Santo. Em termos teóricos, processa-se a uma hermenêutica interna a todo ato de crer. Daí se caminha, no ponto seguinte, para uma reflexão epistemológica que submete à crítica teórica a passagem da hermenêutica geral das experiências para a hermenêutica especial da teologia. Esse processo termina, num terceiro momento, na apologia de uma diferença para não dizer num novo modo de apologética em que não se age *a priori* e desde posições pré-concebidas, mas fazendo transparecer a verdade interpretada. Se as Escrituras continuam a fonte fundamental da fé, elas são lidas numa comu-

nidade de fé e em contextos diversos. Daí a legitimidade da diferença. Há uma unicidade do ato de fé na sua relação a Cristo revelado nas Escrituras. Tal unicidade se realiza na pluralidade das experiências humanas, fazendo do discernimento uma dimensão permanente da fé cristã.

Se cabe algum reparo metodológico crítico à tese, é o corte entre o real e o teórico, para uni-los no final. A primeira parte constituiria a matéria prima do ver que se encontra na terceira parte do discernimento com o material elaborado na segunda a partir da teologia de Tillich. A tese ganharia em densidade e seria aliviada de muito material se tal relação se fizesse ao longo da própria fenomenologia crítica dos três objetos escolhidos e não na terceira parte depois da construção de dois blocos de material. Por melhor articulação que Pedro Rubens inteligentemente tenha feito, permaneceu, porém, uma discreta sensação de tratar-se de três corpos teóricos distintos e até um pouco autônomos. Suporia, naturalmente, um trabalho muito maior e difícil, que o tempo de uma tese não permite. E também implicaria mais escolhos teóricos perigosos. Encurtaria de muito o texto, reduzindo-o ao estritamente necessário para a transparência da realidade estudada. A leitura riquíssima do livro provoca a sensação de algumas justaposições, inevitáveis dentro do método escolhido. Nada disso desmerece o valor intrínseco do trabalho. Até mesmo oferece a enorme vantagem de apresentar ao leitor um nível de informação raramente encontrável de maneira clara, didática, inteligente e bem trabalhada nas necessárias distinções. O *esprit de finesse* esteve presente ao longo do trabalho. O traço francês de uma epistemologia rigorosa, a riqueza variegada e a vitalidade ousada nordestinas transformam o livro numa obra original e de inigualável beleza. Livra-se dos perigos do academismo frio e linear, sem cair no esfuziar vital desprovido de raízes teóricas.

O A. conclui o livro deixando-nos a lição mestra da obra. “o discernimento do crer nunca está terminado”. Estamos num con-

tínuo alvorecer para a fé concreta. Quanto mais confusa e plural for a realidade, mais necessidade temos de discernir a fé. Aqui temos uma obra de valor único não só pelo conteúdo, mas sobretudo pela dinâmica que cria para além do já constatado e ana-

lisado. Livro que ensina a aprender e não simplesmente oferece elementos, embora valiosos, já codificados a ser apreendidos e aprendidos.

João Batista Libanio SJ

---

THEISSEN, Gerd. *Erlösungsbilder: Predigten und Meditationen*. Gütersloh: Chr. Kaiser Gütersloher Verlagshaus, 2002. 190 pp., 22,5 X 15 cm. ISBN 3-579-05389-2.

---

Trata-se de 27 breves sermões feitos pelo autor – ministro da Igreja luterana – a partir de 27 textos da Escritura (9 do Antigo Testamento e 18 do Novo), a maioria deles em serviços litúrgicos na Peterskirche de Heidelberg. Cada uma dessas meditações começa com a transcrição do texto que vai ser comentado e se encerra com as referências de data, lugar, circunstância que deu lugar ao sermão, acrescidas às vezes, com alguma discreta referência bibliográfica.

Cada meditação tem um título que condensa numa imagem o tema do texto da Escritura explicitado pelo subtítulo. O autor já deu provas da sua habilidade neste recurso à linguagem narrativa e metafórica no seu livro *A sombra do Galileu* (tradução em português pela Ed. Vozes) e lança mão dela nestas meditações por estar convencido que a linguagem religiosa é uma linguagem de imagens e metáforas. A metáfora diz mais do que o conceito, enriquece o pensamento. Sem imagens não poderíamos pensar. Essa relação entre imagem e pensamento vale também para a fé e para a teologia: a religião é mais que racionalidade. E por isso a fé religiosa pode ser um antídoto contra a unilateralidade da razão moderna.

Munido dessa convicção, o autor quer mostrar nestas meditações que não há contradição entre o projeto da modernidade e as imagens da salvação da fé cristã. Mais ainda, na esteira da tradição bíblica, a palavra de Deus pronunciada dentro das ten-

sões e conflitos que suscita a modernidade na sociedade atual pode ajudar, por um lado, a dar corpo e carne concretos às imagens bíblicas da ‘salvação’ e da ‘redenção’, e, por outro, a dar alento ao desencanto produzido pelas contradições do projeto moderno. Quem vive e se alimenta dessa palavra de Deus na história – a história de Deus com os homens – aprendeu a descobrir em cada fracasso, em cada impasse dessa ‘história da salvação’ a oportunidade de um novo começo. A travessia do deserto fazia parte do caminho para a terra prometida.

Não poderia ser a palavra de Deus uma palavra de alento para a difícil travessia do ‘deserto’ que é a atual fase histórica e cultural da modernidade? Palavra de alento para uma existência que, sob tantos aspectos, se nos apresenta como não redimida; palavra que nos faça compreender que o fundamento mais profundo da racionalidade e do amor ao próximo é a promessa de Deus e o seu ‘projeto’ de configurar o mundo humano à sua imagem. É o que tentam mostrar estas meditações ao entrelaçar o texto da Escritura com os fatos do presente, sejam eles as perguntas fundamentais da vida humana ou os acontecimentos mais variados da atualidade histórica.

Carlos Palácio SJ

---

LAYTON, Bentley: *As escrituras gnósticas*: nova tradução com anotações e introduções de Bentley Layton. Tradução do original inglês de 1987 por Margarida Oliva. São Paulo: Loyola, 2002. xlii + 584 pp., 21 X 16 cm. ISBN 85-15-02532-9.

---

Diante da onda de exaltadas (e muito duvidosas) publicações sobre os escritos apócrifos, a publicação de uma edição científica, e bem apresentada, dos escritos gnósticos cristãos é uma bênção do céu! Ainda mais em se tratando de obra de um historiador visivelmente neutro em questões confessionais: a sobriedade do tratamento não poderá ser atribuída a escrúpulos eclesiais!

Escritos gnóstico-cristãos são aqueles que circulavam nos círculos gnósticos com pretensões cristãs, e observe-se que durante algum tempo e em determinados ambientes foram tolerados como tais. Precisamente sua pretensão cristã é que provocou as críticas de Ireneu de Lyon e Epifânio de Samosato, que, além do pagão Porfírio, foram nossos principais informantes até a descoberto dos documentos de Nag Hammadi, em 1945. Na Introdução Geral, Bentley explica, com algumas observações muito úteis de historiador, o caráter ainda aberto da literatura cristã antes da normatização ortodoxa possibilitada pelo regime constantiniano. O obra é organizada em duas secções e cinco partes:

Secção I: As escrituras gnósticas: I. A escritura gnóstica clássica (Apócrifo de João, Apocalipse de Adão, Arcontes etc.); II. Os escritos de Valentino (incluindo o Evangelho da Verdade); III. A escola de Valentino (o mito gnóstico nas versões de Ptolomeu e de Ireneu; o Evangelho de Filipe – que inclui o badalado “Evangelho de Maria Madalena”).

Secção II: Escritos análogos: IV. A escola de São Tomé (Hino da Pérola/da Alma, Evangelho segundo Tomé, Livro de Tomé Lutador); V. Outras correntes antigas (os escritos de Basilides e o *Corpus Hermeticum*).

Amplos índices vêm completar a obra e aumentar seu valor científico.

A tradução é cuidadosa, mas algumas vezes suspeita, por exemplo, o termo “classes” no sentido de “aulas” no Evangelho da Verdade (p. 301): influência da luta de classes? Ou o termo manuscritos de escritura (p. xxiv). Alguns lamentarão que *pleroma* virou “totalidade” e *logos*, “palavra”, mas creio que essas opções são certas, pois o leitor moderno não aprende nada com a transcrição de termos gregos cujo conteúdo desconhece. Ora, um sério defeito é que a edição brasileira desconhece a nomenclatura vigente no âmbito das línguas neolatinas. Os títulos são traduzidos do inglês, as siglas baseadas na forma inglesa dos títulos, de modo que se tornam irreconhecíveis a quem está acostumado ao ambiente (neo)latino. Em alguns casos a nomenclatura é híbrida (p. ex. *Corpus Hermético*: melhor: *Corpus Hermeticum*). Parece que faltou assessoria científica. Diante da crescente literatura sobre o assunto em língua portuguesa, que normalmente segue a nomenclatura (neo)latina, seria altamente desejável que esse defeito fosse corrigido na próxima edição.

Johan Konings SJ